

“Se somos afligidos, é para vossa consolação e salvação” (2Cor 1,6a): os catálogos de perístases e o conceito de resiliência em Paulo na Segunda Carta aos Coríntios

“If we are afflicted, it is for your consolation and salvation” (2Cor 1,6a): the Peristasis Catalogues and the resilience concept in Paul in the Second Letter to the Corinthians

Luís Henrique Eloy e Silva*

Resumo

Este artigo tem como escopo revisar os catálogos paulinos de perístases na segunda carta do apóstolo aos coríntios. Ali se encontra uma nova perspectiva, a partir do diálogo interdisciplinar entre Bíblia, Psicologia e Espiritualidade, útil para a compreensão da resiliência sob a ótica cristã, como se deduz do ministério do apóstolo das nações. O conceito resiliência, usado primeiramente na física e, posteriormente, na Psicologia, Psicanálise e Sociologia, hoje se encontra em várias abordagens hermenêuticas das realidades individuais e de grupo em que as pessoas são chamadas a enfrentar situações adversas como relacionamentos difíceis, doenças, problemas econômicos etc. A análise dos catálogos paulinos de perístases, não somente demonstra que o apóstolo é um modelo de comportamento resiliente, mas também revela os lados de um arco hermenêutico cuja origem é a vocação que ele recebeu de Cristo e cujo alvo a ser alcançado é a consolação e salvação dos Coríntios. Tal constatação recorda mais uma vez a relevância dos ensinamentos de Paulo para uma vida interior ancorada em uma espiritualidade da resiliência em tempos atuais.

Palavras-chave: Catálogo de perístases. Resiliência. 2 Coríntios. Espiritualidade paulina.

Abstract

This paper aims to revisit the Pauline peristasis catalogues in his second letter to the Corinthians. There, a new perspective is found, based on the interdisciplinary dialogue between the Bible, Psychology and Spirituality, useful for understanding resilience from a Christian perspective, as deduced from the ministry of the apostle to the nations. The concept of resilience, used first in physics and later in Psychology, Psychoanalysis and Sociology, is today found in various hermeneutical approaches to individual and group realities in which people are called to face adverse situations such as difficult relationships, diseases, problems, etc. An analysis of the Pauline peristasis catalogues not only demonstrates that the apostle is a model of resilient behavior but reveals, also, the sides of a hermeneutic arch whose origin is the vocation he received from Christ and whose goal to be reached is the consolation and salvation of Corinthians by him. This finding recalls once again the relevance of Paul's teachings for an interior life anchored in a spirituality of resilience in current times.

Keywords: Peristasis catalogues. Resilience. 2 Corinthians. Pauline spirituality.

Artigo submetido em 2 de setembro de 2021 e aprovado em 18 de julho de 2022.

* Doutor em Ciência Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Reitor e Professor da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: luishenrique@hotmail.it

Introdução

A relação do apóstolo Paulo com o sofrimento é tema de muitas pesquisas. Desde olhares que se voltam para At 9,16, texto em que Jesus, o Senhor, revela a Ananias que ele mesmo haveria de mostrar a Paulo o quanto ele deveria sofrer em favor de seu nome, passando pelas várias controvérsias que o apóstolo teve com seus interlocutores, ao longo de seu ministério pastoral, até a morte violenta em Roma. Alguns autores, como, por exemplo, Barbaglio (1985), chegam a falar de uma verdadeira *via crucis* de Paulo, cujas estações foram Damasco, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Filipos, Tessalônica, Berea, Corinto e os centros urbanos da Galácia, Éfeso, Jerusalém, Cesareia Marítima e Roma.

Todavia, ao mesmo tempo em que Paulo passa por tantas dificuldades, não lhe falta coragem e ele jamais desiste de levar adiante a missão que lhe foi confiada, sendo capaz de manter, inclusive, a alegria (2Cor 6,10; 7,4; Fl 1,15-18). Não se confunda a alegria no sofrer como se o apóstolo possuísse uma debilidade masoquista. Ele se alegra, mas não é pelo sofrimento por que passa, mas por manter-se capaz de dar testemunho em prol da causa à qual serve, com dedicada entrega (BARBAGLIO, 1985), no contexto do sofrimento, apesar do sofrimento e a partir dele.

Essa constatação acerca de Paulo, à luz do momento de pandemia que vivemos, e da pergunta de muitos sobre onde está Deus e qual a relação que ele estabelece com seu povo, trouxe à luz esse pequeno estudo que deseja abrir portas para um diálogo que pode se revelar profícuo no campo da interdisciplinaridade entre Bíblia, Psicologia e Espiritualidade, à luz do que recorda o documento da Pontifícia Comissão Bíblica (2013, D3), quando menciona as abordagens psicológicas e psicanalíticas quais colaboradoras na compreensão do texto bíblico como experiência de vida.

Partindo do catálogo de perístases, gênero literário clássico presente no texto paulino (FRIDRICHSEN, 1928, 1929; KAMLAH, 1963; SCHRAGE, 1974), em diálogo com a psicologia, em busca da compreensão da origem e desenvolvimento do conceito resiliência, o estudo pretende revisitar a perspectiva de Paulo sobre as adversidades na vida do cristão, a fim de recordar que a

adversidade não é o fundamento, nem o horizonte do itinerário cristão, mas parte inevitável do percurso: “no mundo tereis aflições, mas tende coragem! Eu venci o mundo.” (Jo 16,33).

1 Os catálogos de perístases

O termo grego *perístasis* pode ser compreendido, em português, como circunstâncias exteriores. Tais circunstâncias, no entanto, são sempre adversas, como, por exemplo, perigo, infortúnio e calamidade.

Quando se usa a expressão “catálogo de perístases”, conforme Berger (1998), usa-se no sentido de elenco de sofrimentos e tribulações de uma só pessoa, seja em contexto biográfico, seja em relato autobiográfico, a fim de, ao falar de suas obras e ações, demonstrar que tipo de ser essa pessoa é e que ela não é vítima, mas vencedora e, portanto, um modelo de superação das adversidades.

Na tradição estoica, o uso das perístases encontra-se, particularmente, em indivíduos que demonstraram suas virtudes humanas, como coragem e resistência, diante de adversidades. Na antiguidade, esses catálogos frequentemente servem como contraste retórico e literário para a representação de vários aspectos da existência e do caráter do filósofo ou do sábio. Como demonstrou Fitzgerald (1988), eles descrevem características como: a) serenidade do sábio, mesmo diante das piores adversidades da vida; b) suas virtudes, especialmente sua coragem; c) sua forte resistência perante as maiores e mais exigentes dificuldades; d) sua perseverança em manter as atitudes nobres apesar dos perigos envolvidos; e) sua recusa, a qualquer custo, em se afastar do que dita a justiça; f) seu desprezo pela riqueza; g) sua capacidade de ascese e o papel que isso desempenha em sua vitória sobre as adversidades; h) sua invencibilidade e invulnerabilidade como pessoa; i) sua racionalidade perfeita; j) seu comportamento diante de seus adversários e resposta às suas provocações; k) seu consentimento diante das adversidades da vida; l) sua compreensão do caráter volitivo do sofrimento por que passa; m) sua busca de estar conforme à vontade de Deus; n) sua busca de compreender o sofrimento perante o plano divino.

Esse gênero, presente na literatura greco-clássica, pode ser visto, por exemplo, em Plutarco, na obra *Sobre a sorte de Alexandre*:

Exalta-te, gloria-te em reis que não conheceram sangue nem feridas: foram felizes, um Oco, um Artaxerxes que tu colocaste no trono de Ciro, logo depois que nasceram. Meu corpo, porém, carrega muitos sinais da hostilidade da sorte; de sua amizade, nenhum, primeiro, na Ilíria, uma pedra me feriu na cabeça, e com uma clava me bateram na nuca. Depois, no Granico, o punhal de um bárbaro me acertou a testa e perto de Issos uma espada na anca. Perto de Gaza, fui ferido no tornozelo por uma flecha, destronquei o ombro e passei um mau pedaço. Em Maracatarada, uma seta rachou-me a canela; na Índia, recebi outras feridas e enfrentei as feras. Nos Assacavos furaram-me o ombro, nas Gandaridas, a coxa; nas Malotas, uma seta entrou em meu peito e o ferro ficou cravado; um golpe de clava acertou minha nuca, quando quebrou a escada encostada no muro... Além disso, a dureza da própria marcha: tempestades, seca, águas fundas, alturas inacessíveis até para as aves, o terrível aspecto de feras selvagens, uma vida austera, falsidade e até a traição de príncipes. (PLUTARCO *apud* BERGER, 1998, p. 208).

Esse texto de Plutarco, cuja primeira parte possui estilo autobiográfico em que a indicação da primeira pessoa do singular é o eu do herói Hércules, considerado como modelo de soberania e realeza. Sob o aspecto do gênero literário, o texto muito se assemelha aos catálogos paulinos de perístases. No entanto, ele não possui algo que para o apóstolo, em termos autobiográficos, é fundamental: Paulo sofre algo por causa do Evangelho de Cristo, sofre, mas recebe a força de Deus para não desistir. sofre não simplesmente porque é forte por natureza, porque aprendeu a sofrer ou algo semelhante. Sofre por estar unido a Cristo e, sob esse aspecto, as perístases paulinas demonstram que ele pertence a Cristo, o que o torna capaz de reagir de forma resiliente ao que lhe é adverso.

O gênero “catálogo de perístases” encontra-se, no *corpus paulinum*, nas seguintes passagens: Rm 8,35-39; 1Cor 4,9-13; 2Cor 4,8-9; 6,4-10; 11,23-28; 12,10; Fl 4, 11-12; 2Tm 3,11. Note-se que a maior concentração se encontra em 2 Coríntios.

Particularmente em Corinto, a adversidade provém de pessoas que se opunham ao apóstolo. Embora, como perceberemos, a preocupação do apóstolo seja a de exortar os fiéis da comunidade, emergem aqui e ali, nas linhas e entrelinhas do texto, informações que caracterizam as posturas dos adversários de Paulo: mercadejam a Palavra de Deus (2Cor 2,17); exigem cartas de recomendação como documento de legitimação do que realizam (2Cor 3,1);

cultuam a si mesmos, gloriando-se na aparência e não no coração (2Cor 5,12); apresentam-se como apóstolos de Cristo (2Cor 11,13) e seus servidores (2Cor 11,23); vangloriam-se da origem judaica e por serem descendentes de Abraão (2Cor 11,22); consideram-se melhores do que Paulo (2Cor 12,11) e o criticavam (2Cor 10,2) e deles, com a comunidade coríntia, Paulo sofreu desprezo (2Cor 10,10-11).

Mesmo assim, como recorda Barbaglio (1997), diante de tanta adversidade, o apóstolo não se revela preocupado com uma oposição de caráter personalista, nem em uma luta de poder entre pregadores concorrentes e seus rivais. Pelo contrário, ocupa-se com o ministério do evangelho ao qual serve e, embora se autoproclame frágil, sabe-se forte pela graça de Deus que nele se manifesta e o ilumina qual reflexo da luz que é Cristo.

Paulo não é ingênuo diante da situação em que se inseriu seu ministério em Corinto. Pelo contrário, é capaz de identificar a adversidade e os adversários. Eles são “falsos apóstolos”, “operários fraudulentos”, “disfarçados em apóstolos de Cristo” (2Cor 11,13) e, portanto, “falsos irmãos” (2Cor 11,26). Mesmo assim, não por falsa modéstia ou simplesmente por uso retórico dela, Paulo se coloca como frágil (1Cor 2,3; 2Cor 10,10; 11,30), inaugurando uma nova compreensão do uso das perístases em perspectiva cristã, como defende Glancy (2004).

Nota-se, assim, que o apóstolo adotou, por um lado, o modelo clássico dos catálogos de perístases e, por outro, adaptou tal modelo conforme o escopo de sua argumentação. De alguma forma, como recorda Fitzgerald (1988), pode-se dizer que tais catálogos representam a convergência de tradições clássicas, mas também refletem a experiência pessoal do apóstolo, tanto do sofrimento que viveu, quanto do poder divino que experimentou.

2 O conceito resiliência e sua relação com os catálogos clássicos de perístases

O termo “resiliência”, em sua origem, pertence ao campo da física e indica a capacidade de um material em retornar à sua forma original, depois de ter sido submetido a altas pressões.

No final da década de 70 do século passado, o termo passou a ser adotado pela Psicologia que, ao falar dos casos de crianças que cresciam e se desenvolviam em contextos adversos e de alto risco, como pobreza extrema, pais mentalmente doentes ou desequilibrados, percebeu que, mesmo assim, tais crianças demonstravam um desenvolvimento psicológico não marcado negativamente por tal vivência, alcançando, quando adultas, uma adequada qualidade de vida. Tais resultados encontram-se, por exemplo, nos estudos de Anthony (1987); Earls, Beardslee e Garrison (1987); Werner e Smith (1989), Garmezy (1991), Rutter (1993), Luthar, Cicchetti e Becker (2000) e Masten (2001).

Diante dos resultados analisados, surgiram várias definições de resiliência no discurso da Psicologia e que, de alguma forma, se complementam. Grotberg (1995) explica que resiliente é a pessoa capaz de enfrentar dificuldades na vida, superá-las e ser, inclusive, transformada pela adversidade que vivenciou. Melillo (2004) recorda que a transformação indica um sair “mais fortalecido” do trauma. As dificuldades enfrentadas não seriam somente as corriqueiras, do dia a dia, mas as circunstâncias e os eventos vivenciados e marcadamente estressantes, como bem acrescentam Lösel, Blieneser e Köferl (1989). Outros, como é o caso de Rutter (1993), inserem o conceito de resiliência em um conjunto de processos de tipo social e intrapsíquico, por meio dos quais um indivíduo é capaz de viver de forma saudável, apesar de estar em um contexto socialmente ou psiquicamente doentio.

Ao observar a literatura sobre o tema, damos-nos conta de que há pelo menos três grandes percursos de pesquisa: o norte-americano, centrado no indivíduo, que possui uma orientação psicológica de tipo comportamental e pragmática; o europeu, centrado na ética, que possui uma orientação psicanalítica; o latino-americano, centrado nos problemas relacionados ao contexto socioeconômico, que possui uma orientação mais sociológica.

Para além das discussões que integram a temática no campo dos debates entre os pesquisadores do assunto, se a resiliência é um traço, um processo, um resultado frente a uma adversidade, como se encontra em Masten (2007); ou se se deve ser caracterizada somente como resistência ao estresse ou se, para além disso, como recuperação do estresse, conforme se encontra em Brandão,

Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011); aqui partiremos do consenso, que paira entre os estudiosos, de que a resiliência deva ser vista como um construto, fruto da relação entre indivíduos e adversidades, tendo como resultado algo positivo, como se pode ver nos trabalhos de Bonanno e Diminich (2013).

Por adversidade enfrentada por um indivíduo entende-se o evento estressante ou, como alguns preferem, o estressor. O estressor é o responsável por desequilibrar a homeostase psíquica ou emocional do indivíduo, demandando dele esforços de enfrentamento ao adverso. Sob essa perspectiva, o estressor se enquadra na categoria dos estímulos compreendidos pelo indivíduo como ameaça, seja ela real, seja imaginária, no sentido de vivenciada como realidade interna do sujeito. Em muitos casos, a ameaça imaginária torna-se mais maléfica do que a real, suscitando ansiedade e angústia pelas proporções que a mente estressada pode alcançar ao gerar transtornos psíquicos e emocionais. Entre os estressores, podemos elencar situações de morte, catástrofes, divórcio, imprevistos que geram conflito ou insegurança, tais como crise em algum negócio, desemprego, conhecimento de estar sendo traído por alguém de quem se esperaria fidelidade etc. Além disso, é preciso recordar seja a presença de adversidades provisórias, como o estresse em um engarrafamento inesperado a caminho do aeroporto; seja a presença de adversidades duradouras, como a notícia de que se está acometido por uma doença incurável e com a qual será necessário conviver até a morte. Se não bastasse isso, há adversidades pontuais que se transformam em duradouras, como é o caso de um acidente de carro, após o qual o indivíduo descobre-se portador de uma deficiência física incurável.

A estrutura de uma postura resiliente caracteriza-se por um tripé: situação adversa, fator resiliente e fator protetor. Diante de um risco (uma situação adversa), o indivíduo o enfrenta (fator resiliente), aprendendo a minimizar ou transformar as situações de risco e, quando possível a prevenir tais situações (fator protetor). Em relação às bases para enfrentar riscos e aprender a transformar tais situações que os riscos impõem, gerando a postura resiliente, há autores que as consideram ancoradas na genética, ou seja, alguns indivíduos nasceriam com uma predisposição à postura resiliente e outros não, como se encontra no estudo de Luthar e Brown (2007). Em oposição, há autores que

discordam do princípio genético, defendendo que o processo de resiliência não pode ser pensado como um atributo de tipo determinante positivo para alguns e negativo para outros. A criança não nasce resiliente, ela aprende a ser resiliente, e tal processo é fruto da interação entre a criança e o meio, como defende Rutter (1993). Esse processo tem raízes na autoestima promovida desde os primeiros passos da infância, como se lê no estudo de Araújo (2006).

Tais passos seguros para a identificação do fenômeno da resiliência em algumas pessoas poderiam estar ancorados no apoio de um adulto que representa um modelo de tal postura resiliente para a criança, seja em casa, seja no entorno de sua convivência, como demonstra Estamati (2005).

Algumas pesquisas de tipo longitudinal, isto é, baseadas na investigação psicossocial em que indivíduos são acompanhados por um período da vida, verificaram que mais da metade das crianças em análise, vivendo em um ambiente familiar doentio, com pais desequilibrados mentalmente, alcoólatras, deportados devido a situações de guerra, praticantes de crime etc., foram capazes de se manifestar resilientes de alguma forma, nem sempre perpetuando as condições do entorno inadequado em que cresceram.

Um exemplo de pesquisa longitudinal, repetidamente recordado pelos estudiosos do tema resiliência, é a pesquisa de Werner e Smith (1989; 1992), psicólogas americanas, que, por 32 anos, acompanharam mais de 500 pessoas de condições paupérrimas na Ilha de Kauai, no Havaí, e concluíram que, apesar das dificuldades vivenciadas no período infantil e de puberdade, ajudadas pelo cuidado profissional voluntário, adaptaram-se em sua vida adulta e com sucesso ao mundo do trabalho, da família e da vivência de uma nova perspectiva de paternidade ou maternidade. Tais estudos, como defende Henderson (2003), colaboram para a refutação de teorias de tipo determinista para as quais os fatores de risco condenam indivíduos a contrair psicopatologias e, conseqüentemente, a perpetuar ciclos que envolvem pobreza, violência, abuso e fracasso escolar. Com isso, Werner e Smith alertaram para a reflexão no campo da pesquisa da sociologia e da psicologia, mas também da ciência política, de que é preciso criar condições com projetos governamentais de assistência em zonas vulneráveis, no sentido de se propiciar um acompanhamento adequado,

particularmente, a crianças e adolescentes, a fim de se propiciar um entorno de convivência com adultos que possam se tornar paradigmas existenciais, profissionais e éticos, renovados e inovadores.

A propósito do conceito entorno da convivência, Polk (1997) defende que é preciso estar atento à presença de quatro padrões para identificação de um processo no qual se constrói um indivíduo resiliente: a) padrões disposicionais (atributos físicos como saúde, inteligência, temperamento e atributos psicossociais como autoestima e autodisciplina); b) padrões relacionais (comprometimento do indivíduo com as pessoas de sua relação; incentivo a *hobbies*, esporte, cultura etc.); c) padrões situacionais (habilidade de ser flexível, criativo e perseverante); d) padrões filosóficos (crenças e motivações relacionadas ao propósito da vida e princípios éticos).

Relacionado ao último item, mencionado por Polk, associa-se o tema resiliência e crença, resiliência e espiritualidade, particularmente na perspectiva de que crer em Deus, perdoar a quem nos ofendeu e compreender, com consciência misericordiosa, as situações adversas que nos causaram sofrimento psíquico, são recursos significativos para um aprendizado com o que nos possa ter ferido. Assim, o sujeito busca, no que ocorreu, um novo olhar para si, para os outros e para a própria vida. Com efeito, sabe-se que aprender a lidar terapêuticamente com um trauma, não significa apagá-lo, mas revisitá-lo para vê-lo com outros olhos. Se o que ocorreu no passado, chamado aqui de ato, não pode ser mudado, o olhar que o sujeito lança para o passado, em que o sofrimento surgiu, pode ser ressignificado.

A hermenêutica que o sujeito estabelece do ato pode e deve mudar, não a partir do ato, que permanece no passado inalcançável, mas a partir do horizonte que se descortina a partir do ato e, muitas vezes, apesar dele. (ELOY E SILVA, 2017, p. 366).

3 Os catálogos de perístases em 2Coríntios e a resiliência de Paulo

Os catálogos de perístases em 2 Coríntios podem ser identificados com aqueles que se encontram em 2Cor 4,8-9; 6,4-10; 11,23-27; 12,10, conforme atesta Pitta (2006).

O catálogo de 2Cor 4,8-9 é antecedido pela imagem do tesouro. Esse é trazido em vasos de argila, com a clara indicação de que o símbolo do tesouro se associa ao poder de Deus e o do vaso de argila, ao ministério do apóstolo (v. 7). Paulo recorda que, em todas as situações (*en panti*), ele sofre atribulações, apuros, perseguições, sendo derrubado. Mesmo assim ele não se abate, não perde a esperança, não se sente desamparado, nem aniquilado, pois em toda parte (*pantote*) sabe-se consciente de que porta a morte de Jesus no próprio corpo para que também a vida de Jesus se manifeste em seu corpo; corpo que se vincula, aqui, metaforicamente ao termo vaso de argila. Ao mencionar a perspectiva cristológica das adversidades por que passa (v. 10), ele indica, ainda, que há uma dimensão soteriológica (“vida”; v. 12), particularmente quando se vive o sofrimento associado ao mistério pascal de Cristo e, aqui, em benefício da comunidade (“em vós”; v. 12: dimensão eclesiológica).

O catálogo de 2Cor 6,4-10 é introduzido pela virtude da perseverança (*hypomonē*), seguida de nove adversidades introduzidas pela preposição *en* e separadas por três grupos semânticos: a) o primeiro é marcado pela presença das adversidades vivenciadas pelo apóstolo e que lhe trouxeram tribulações, necessidades e angústias; b) o segundo grupo é marcado pela presença das adversidades externas, relacionadas às situações de cárcere que ele sofreu e nas quais passou por açoites, prisões e tumultos; c) o terceiro grupo é marcado pela presença das adversidades relacionadas ao ministério do apóstolo em que ele passou por fadigas, – o substantivo *kopos* e o verbo *kopiaō* são frequentemente usados no epistolário paulino para indicar o cansaço ministerial (cf. 1Ts 2,9; 1Cor 3,8; 15,10; 16,16; Gl 4,11; Rm 16,6.12.12; Fl 2,16) – vigílias e jejuns, vividos em ambiente carcerário e impostos ao apóstolo (PITTA, 2006). Aqui não se notam os acentos cristológico, soteriológico e eclesiológico tão claramente delineados como no catálogo anterior, mas pode-se deduzir no “enriquecendo a muitos” (v. 10) um aceno à dimensão eclesiológica, se se considera que o termo “muitos” se refira, no contexto da perícopé, aos coríntios ou a outros destinatários de suas cartas, membros de outras comunidades fundadas por ele.

O catálogo de 2Cor 11, 23-27 é antecedido pela argumentação do apóstolo baseada em três elementos, como recorda Bianchini (2015): ele é hebreu de

nascimento (dimensão étnica), ele pertence ao povo de Israel (dimensão religiosa), é herdeiro das promessas a Abraão (dimensão teológica). O elenco feito por Paulo, nos versículos que constituem o catálogo de perístases, alude a várias adversidades de tipo físico (retomando, assim, a imagem do vaso de argila do primeiro catálogo?) e a outras de tipo circunstancial vinculadas a suas viagens apostólicas (25b-26). Como ocorre com os outros catálogos, aqui também podemos verificar uma conclusão de tipo eclesiológico, quando o apóstolo recorda sua solicitude por todas as igrejas (v. 28). Na expressão “minha preocupação” referida ao apóstolo, com recorda Pitta (2006) há uma indicação de desvantagem para Paulo (*dativus incommodi*), mas de vantagem para os coríntios (genitivo de vantagem).

Enfim, o catálogo de 2Cor 12,10, que corresponde apenas a um versículo, insere-se no conjunto das adversidades vivenciadas pelo apóstolo “por causa de Cristo” (v. 10) e referem-se a seu ministério, pois “não há menção de doenças.” (LAMBRECHT, 1999, p. 251).

Quando se busca um levantamento lexical do texto dos catálogos, nota-se uma proximidade entre eles que pode ser verificada no quadro abaixo:

Quadro 1

2Cor 4,8-9	2Cor 6,4-10	2Cor 11,23-27	2Cor 12,10
atribulados [thlibómenoi] (v.8)	tribulações [thlipsesin] (v. 4)		
abatidos [stenochōroumenoi] (v.8)	angústias [stenochōriais] (v.4)		angústias [stenochōriais] (v. 10)
	necessidades [anágkais] (v.4)		Necessidades [anágkais] (v.10)
	prisões [phylakais] (v. 5)	prisões [phylakais] (v. 23)	
	açoites [plēgais] (v. 5)	açoites [plēgais] (v. 23)	
	fadigas [kopoīs] (v. 5)	fadigas [kopoīs] (v. 23)	
	jejuns [nēsteiais] (v. 5)	jejuns [nēsteiais] (v. 27)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O levantamento lexical indica o campo semântico da adversidade, seja ela vivida em sua dimensão externa, seja interna.

Em meio às adversidades elencadas pelo apóstolo, ele também indica o aspecto positivo e constitutivo de como enfrenta as dificuldades que desgastam sua pessoa e seu ministério em Corinto. Em dois dos catálogos de perístases, ele se demonstra revestido de virtude: sem perder a esperança (*exaporoumenoi*; 2Cor 4,8), ele reafirma-se perseverante (*en hypomonē*; 2Cor 6,4). Ele se revela marcado por uma resiliência ancorada no modelo de Cristo e de tipo altruísta em relação aos destinatários de seu discurso. Com efeito, vê-se no contexto dos catálogos uma clara indicação de que ele anuncia Jesus Cristo e não a si próprio (2Cor 4,5), de que enfrenta as muitas adversidades por causa de Jesus Cristo (2Cor 4,11; 12,10), e tudo isso vive em função do ministério que realiza em prol dos coríntios (2Cor 4,12; 12,15).

Pode-se, assim, inferir que a forma como Paulo enfrenta as adversidades, sem desanimar, sem perder a esperança e sem deixar de ser perseverante possui um ponto de partida e um alvo a ser alcançado. O ponto de partida é cristológico. De Cristo provém seu modelo a ser seguido. Em Cristo ele se espelha e nele vive pela fé, crendo no Filho de Deus, que o amou e por ele se entregou (Gl 2,20). O alvo a ser alcançado relaciona-se a seu ministério pastoral. Paulo entende que seu ministério também é composto das adversidades por que passa e tudo isso é em função do mistério da salvação do qual ele é arauto e instrumento (At 9,15).

Por isso mesmo, conclui-se que a forma de Paulo enfrentar as adversidades é caracterizada por uma tripla compreensão:

- a) Ele tem consciência de sua vocação e de sua missão e não se relaciona com as adversidades de forma vitimista, nem por elas se deixa intimidar. Verbaliza os sofrimentos por que passa, sem minimizá-los e nem tampouco maximizá-los. Incorpora-os em sua narrativa ministerial e os integra como parte de seu percurso de maturidade discipular (2Cor 11,23b-29, 12,10), ressignificando-os à luz do sentido de seu ministério apostólico (2Cor 12,7-9).

- b) Ele lida de forma exemplar e virtuosa com as adversidades: é esperançoso (2Cor 4,8), perseverante (2Cor 6,4), puro (2Cor 6,6), magnânimo (2Cor 6,6), benévolo (2Cor 6,6), pratica o amor sincero (2Cor 6,6), é alegre (2Cor 6,10), solícito (2Cor 11,28), compraz-se nas adversidades por causa de Cristo (2Cor 12,10).
- c) Ele desenvolve, a partir dos passos anteriores, uma postura altruísta. Ao superar as adversidades, entende que há nelas um escopo: é preciso alcançar os destinatários de seu ministério (2Cor 4,12); enriquecê-los (2Cor 6,10) com seu exemplo para que sejam seus imitadores, como ele é de Cristo (1Cor 11,1); desdobrando-se de solicitude para com todas as Igrejas (2Cor 11,28).

Conclusão

A análise dos catálogos paulinos de perístases permitiu-nos constatar que o apóstolo não somente elenca as adversidades que superou com resiliência, mas que ele pôde superá-las porque era fecundado por uma espiritualidade conscientemente abraçada. Abraçada por clara assunção de sua vocação e por compreender, com maturidade, o horizonte de sua missão. Assim, com o claro acento em seus catálogos de perístases acerca de sua fraqueza, ele põe em evidência o fundamento de como é capaz de enfrentar as adversidades com resiliência: sua força vem de Cristo (12,10).

Os sofrimentos apostólicos vivenciados em Corinto levam o apóstolo não somente a lidar conscientemente com as adversidades, mas também a ressignificá-las, a partir de sua relação com Cristo e por meio do discurso que elabora.

Seu discurso revela, por um lado, características de quem é resiliente, no sentido contemporâneo do termo, associado a uma virtude adquirida por meio de muitos fatores internos e externos ao indivíduo que o ajudam a enfrentar dificuldades evitando-as, superando-as ou, em algumas circunstâncias, aprendendo a conviver com elas sem por elas ser afetado em sua saúde física e psíquica. Por outro lado, revela também uma nova dimensão de quem se descobre resiliente, quando fecundado por uma espiritualidade conscientemente buscada:

a capacidade de ser para o outro e de dar sentido à própria vida, entendendo que o enfrentamento resiliente não somente torna o indivíduo forte, ensinando-o a lidar com as próprias dificuldades de forma criativa, e assim alcançar a sabedoria.

Essa perspectiva, centrada particularmente no sujeito, é a que encontramos mormente na literatura da ciência psicológica sobre o assunto. Paulo, mestre e excelente pastor, abre-nos os olhos para a compreensão de que a consciência do ser em Cristo, para além de nos ajudar a enfrentar positivamente nossas próprias adversidades, faz-nos capazes de olhar para os outros, desenvolvendo não somente virtudes para sermos melhores, mas o sermos em função das causas que abraçamos e em função das pessoas envolvidas nessas causas. Aos destinatários envolvidos em sua causa evangelizadora, Paulo os chama de “irmãos” (2Cor 1,8; 8,1) e de “membros do corpo de Cristo” (1Cor 12,27), com aceno à dimensão eclesial de seu ministério. Com efeito, como foi possível notar no texto das perístases em 2 Coríntios, particularmente nas três primeiras, a atenção à comunidade no discurso do apóstolo é bem perceptível.

Com isso, Paulo nos ensina que o enfrentamento das adversidades não é somente um ato isolado do indivíduo, mas deve ser vivido em termos de comunhão e solidariedade com o sofrimento dos outros, em Cristo, e inspirados nele. Com essa chave, o apóstolo abre uma porta importante no discurso acerca da resiliência: o altruísmo e a solidariedade tornam-se um mecanismo relevante no enfrentamento das adversidades, transformando os ambientes em solo propício para o germinar de posturas resilientes. Essa consciência, Paulo a revela no início de sua carta, preparando o terreno para a elaboração dos catálogos de perístases que se inserem no todo de sua argumentação em 2 Coríntios com uma tese em 2Cor 1,6, que se demonstrará em 2Cor 4,8-9; 6,4-10; 11,23-27; 12,10: a consciência de que a aflição por que ele passa não é vã, mas tem um escopo. Tampouco a consolação que ele recebe nas aflições é em função de si mesmo. O que ele vive, seja no enfrentamento da adversidade, seja em sua superação, ele o vive em função da consolação e salvação dos destinatários de seu ministério pastoral (2Cor 1,6a). Ao serem consolados, os destinatários se sentirão sustentados para perseverar (2Cor 1,6b) e, pela perseverança, alcançarão a salvação, como havia ensinado o Mestre e Senhor de Paulo (Lc 21,19).

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Elwyn J. Risk, vulnerability, and resilience: an overview. *In*: ANTHONY, E. J.; COHLER, B. J. (orgs.). **The invulnerable child**. New York: The Guilford, 1987. p. 3-48.
- ARAÚJO, Ceres A. Novas ideias em resiliência. **Revista Hermes**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 85-95, 2006.
- BARBAGLIO, Giuseppe. **Paolo di Tarso e le origini cristiane**. Assisi: Cittadella Editrice, 1985.
- BARBAGLIO, Giuseppe. **San Paolo, Lettere: lettere autentiche**. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1997.
- BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BIANCHINI, Francesco. **Seconda lettera ai corinzi**. Introduzione, traduzione e commento. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2015.
- BONANNO, George A.; DIMINICH, Erica D. Annual research review: positive adjustment to adversity-trajectories of minimal-impact resilience and emergent resilience. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, Cambridge, v. 54, n. 4, p. 378-401, 2013.
- BRANDÃO, Juliana M.; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 263- 271, 2011.
- EARLS, Felton; BEARDSLEE, Willian; GARRISON, William. Correlates and predictors of competence in young children. *In*: ANTHONY, E. J.; COHLER, B. J. (orgs.). **The invulnerable child**. New York: The Guilford, 1987. p. 70-83.
- ELOY E SILVA, Luís Henrique. O perdão como separação do ato. Hermenêutica e ressignificação do construto em Mt 18,21-22 e no discurso psicanalítico. **Pistis & Práxis**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 351-370, 2017.
- ESTAMATI, Mirta. Programas em saúde mental comunitária. *In*: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (orgs.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**, Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 151-160.
- FITZGERALD, John T. **Cracks in an Earthen Vessel: An Examination of the Catalogues of Hardships in the Corinthian Correspondence**. Atlanta: Scholars Press, 1988.
- FRIDRICHSEN, Anton. Zum Stil des paulinischen Peristasenkatalogs: 2 Cor. 11, 23ff. **Symbolae Osloenses**, Oslo, v. 7, p. 25-29, 1928.
- FRIDRICHSEN, Anton. Peristasenkatalog und res gestae: Nachtrag zu 2 Cor. 11, 23ff. **Symbolae Osloenses**, Oslo, v. 8, p. 78-82, 1929.

GARMEZY, Norman. Resilience in children's adaptation to negative life events and stressed environments. **Pediatric Annals**, Thorofare, New Jersey, v. 20, n. 9, p. 459-466, 1991.

GLANCY, Jennifer A. Boasting of Beatings (2 Cor. 11:23-25), **Journal of Biblical Literature**, Atlanta, Georgia, v. 123, n. 1, p. 99-135, 2004.

GROTBERG, Edith. **A Guide to Promoting Resilience in Children**: Strengthening the Human Spirit. Hague: Bernard Van Leer Foundation, 1995.

HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike M. **Resiliencia en la escuela**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

KAMLAH, Ehrhard. Wie beurteilt Paulus sein Leiden?. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v. 54, n 3-4, p. 217-232, 1963.

LAMBRECHT, Jan. **Second Corinthians**. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 1999.

LÖSEL, Friedrich; BLIESENER, Thomas; KÖFERL, Peter. On the Concept of "Invulnerability": Evaluation and First Results of the Bielefeld Project. *In*: BRAMBRING, Michael; LÖSEL, Friedrich; SKOWRONEK, Helmut. **Children at risk: Assessment, Longitudinal Research and Intervention**. New York: De Gruyter, 1989. p. 186-229.

LUTHAR, Suniya S.; BROWN, Pamela J. Maximizing resilience through diverse levels of inquiry: prevailing paradigms, possibilities, and priorities for the future. **Development and Psychopathology**, Cambridge, v. 19, n. 3, p. 931-949, 2007.

LUTHAR, Suniya S.; CICCETTI, Dante.; BECKER, Bronwyn. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, Hoboken, New Jersey, v. 71, n. 3, p. 543-562, 2000.

MASTEN, Ann S. Resilience Process in Development. **American Psychologist**, Washington, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.

MASTEN, Ann S. Resilience in development systems: progress and promise as the fourth wave rises. **Development and Psychopathology**, Cambridge, v. 19, n. 3; p. 921-930, 2007.

MELILLO, Aldo. Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. *In*: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel. **Resiliencia y subjetividad**. Los ciclos de la vida. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 63-75.

PITTA, Antonio. **La seconda lettera ai corinzi**. Roma: Borla, 2006.

POLK, Laura V. Toward a middle-range theory of resilience. **Advances in Nursing Sciences**, Philadelphia, v. 19, n. 3, p. 1-13, 1997.

PONTIFICIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 12 ago. 2021.

RUTTER, Michael. Resilience: some conceptual considerations. **Journal of Adolescent Health**, Amsterdam, v. 14, n. 8, p. 626-631, 1993.

SCHRAGE, Wolfgang. Leid, Kreuz und Eschaton: Die Peristasenkatologe als Merkmale paulinischer theologia crucis und Eschatologie. **Evangelische Theologie**, Gütersloh, v. 34, p. 141-175, 1974.

WERNER, Emmy E.; SMITH, Ruth S. **Vulnerable but Invincible**: A Longitudinal Study of Resilient Children and Youth. New York: Adams, Bannister and Cox, 1989.

WERNER, Emmy E.; SMITH, Ruth S. **Overcoming the Odds**: High Risk Children from Birth to Adulthood. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1992.